

TÁTICAS E ESTRATÉGIAS ANGLO-SAXÔNICAS E FRANCO-NORMANDAS NA BATALHA DE HASTINGS DE 1066¹

Lucio Carlos Ferrarese²
Dr. Jaime Estevão dos Reis³

A Batalha de Hastings do ano de 1066 é considerada um dos marcos para o estabelecimento da identidade da atual Inglaterra, pois transferiu o foco político das relações anglo-saxônicas e dinamarquesas para as relações franco-continentais durante a idade Média Central. A vitória do duque Guilherme da Normandia (c. 1028-1087) contra o Rei Haroldo Godwinson de Wessex (c. 1022-1066), acabou por mo-

¹ Esse texto é uma adaptação do artigo de REIS, Jaime Estevão dos, e FERRARESE, Lucio Carlos - Estudo comparativo técnico-militar dos exércitos da Batalha de Hastings de 1066 nas fontes anglo-normandas do século XI. In: Diálogos v. 20 n. 3 (2016), 42-56. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/34229/pdf>. ISSN 2177-2940.

² Possui graduação em Direito pela Universidade Estadual de Maringá (2008) e graduação em História pela Universidade Estadual de Maringá (2012). Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá (2015), atualmente doutorando em História pela Universidade Estadual de Maringá pela orientação do Dr. Jaime Estevão dos Reis. Membro do Laboratório de Estudos Medievais (LEM) da Universidade Estadual de Maringá. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Medieval, atuando principalmente nos seguintes temas: cavalaria, idade média, nobreza, guerreiros e Tapeçaria de Bayeux.

³ Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Maringá (1986), graduação em História pela Universidade Estadual de Maringá (1992), Mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000) e Doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007). Atualmente é professor Associado da Universidade Estadual de Maringá. Trabalha no Departamento de História na área de História Medieval. É membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História (PPH) com pesquisas e orientações nos seguintes temas: Nobreza Medieval; Cavalaria Medieval; Guerra na Idade Média; Alfonso X, o Sábio; Reinos de Castela e Leão na Idade Média; Economia Medieval (Comércio, Mercadores e Cultura Mercantil).

dificar a sociedade anglo-saxônica para uma nova sociedade anglo-normanda, próxima à religiosidade continental e romana, e atuante na política continental, mudanças essas propiciadas pela materialidade militar. Disputada acerca da sucessão ao trono da Inglaterra anglo-saxônica, a Batalha de Hastings foi decisiva para este conflito, sendo efetivada em campo aberto, algo incomum à prática militar do Ocidente medieval. Este texto busca analisar as táticas e estratégias utilizadas por ambos os lados do conflito, como meio de demonstrar a evolução técnica e militar de seus participantes.

Nesta análise, utilizamos como fonte dois documentos contemporâneos à Batalha de Hastings: a *Tapeçaria de Bayeux* e a crônica de Guilherme de Poitiers, intitulada *Gesta Guillelmi Ducis Normannorum et Regis Anglorum* ou *História de Guilherme, Duque dos Normandos e Rei dos Anglo-saxões*. A primeira trata-se de uma fonte imagética, bordada a mando de um patrono desconhecido ainda no século XI, e que sobrevive hodiernamente no Musée de la Tapisserie de Bayeux, na Normandia. Compõe-se de uma narração dos eventos anteriores à batalha e a representação do confronto em si. Objetiva ser um marco comemorativo da vitória de Guilherme sobre as forças de Haroldo Godwinson. A segunda fonte é uma crônica atribuída ao capelão de Guilherme da Normandia, Guilherme de Poitiers (c.1020-1090), para o registro dos feitos de seu patrono. Guilherme de Poitiers, em sua juventude, havia sido um guerreiro, e sua descrição dos eventos militares apresenta detalhes técnicos que escapam à maioria dos cronistas estritamente religiosos do medievo.

89

A Batalha de Hastings de 1066

Estabelecida como uma invasão de conquista, o movimento militar de Guilherme da Normandia fez com que este se encontrasse em território inimigo. Ao cruzar o Canal da Mancha, uma passagem marítima entre a Inglaterra e a França, apenas com

as provisões necessárias para o início de uma campanha militar, ele não tem fácil acesso a sua terra natal, a Normandia, pois as forças navais de Haroldo Godwinson são capazes de cercá-lo ao mar.

No dia 14 de outubro de 1066, num domingo de outono conforme o calendário gregoriano, as forças normandas e anglo-saxônicas se encontraram no campo de batalha de Hastings, a 95 quilômetros ao sul de Londres, em um campo aberto de uma região de colinas cercadas por florestas, chamada Caldbec⁴. Uma tentativa diplomática de alcançar a paz ocorrera nos dias anteriores, a qual resultou infrutífera, e o conflito se iniciou ainda durante o período matutino (DEVRIES, 2009, p. 26).

Com o início do conflito, ambos os exércitos tentam obter vantagens táticas para seu benefício, por meio do terreno, do número de homens, da capacidade e do posicionamento de suas tropas no campo de batalha. O primeiro destes movimentos táticos bem-sucedidos é que Guilherme forçara Haroldo a um confronto em campo aberto, onde pode usar sua cavalaria com toda sua força. Ao forçar Haroldo a um conflito em campo aberto, Guilherme evitara uma luta defensiva, onde ficaria preso às fortificações que estavam desvinculadas de uma linha estável de provisões e mantimentos, como sua fortaleza em Pevensey (NICHOLSON, 2004, p. 132).

Todavia, apesar desta desvantagem inicial, Haroldo consegue ocupar o topo da colina com suas tropas, o que obriga os invasores a subir e descer o morro em suas movimentações durante o combate. Além disso, o rei anglo-saxão ordena à suas tropas que fortifiquem suas posições através da adoção da tática da parede de escudos⁵. Pela composição do terreno, cercado

⁴ Para uma visão geral dos aspectos geográficos do território onde se deu a batalha, conferir: HEWITT, Christopher E. M., "The Battle of Hastings: A Geographic Perspective" (2016). Electronic Thesis and Dissertation Repository. Paper 3628.

⁵ Essa tática consiste em colocar os soldados em linhas compactas, com a primeira fileira segurando escudos e impedindo o avanço inimigo. As fileiras traseiras os assistenciam arremessando armas ou elevando seus escudos para proteger o corpo do batalhão de flechas e dardos.

por matas e charcos, era impossível flanquear os anglo-saxões, o que obrigava os normandos a um ataque frontal colina acima.

Na linha de frente dos defensores se encontram os soldados que estão mais bem armados, os *thegn*, e nas fileiras traseiras se encontra a infantaria leve dos *fyrð*, que os assistenciam com uma artilharia limitada, conforme a crônica de Guilherme de Poitiers: “Eles [os anglo-saxões] arremessaram suas azagaias e projéteis de todos os tipos, eles deram golpes selvagens com seus machados e com pedras presas em cabos de madeira” (POITIERS, 1973, p. 49, tradução nossa). Podemos observar esse posicionamento das tropas na figura abaixo, ilustrados os anglo-saxões em vermelho, e as tropas de Guilherme, compostas no centro por normandos, a leste por franco-flamengos e a oeste por bretões, em azul (Figura 1).

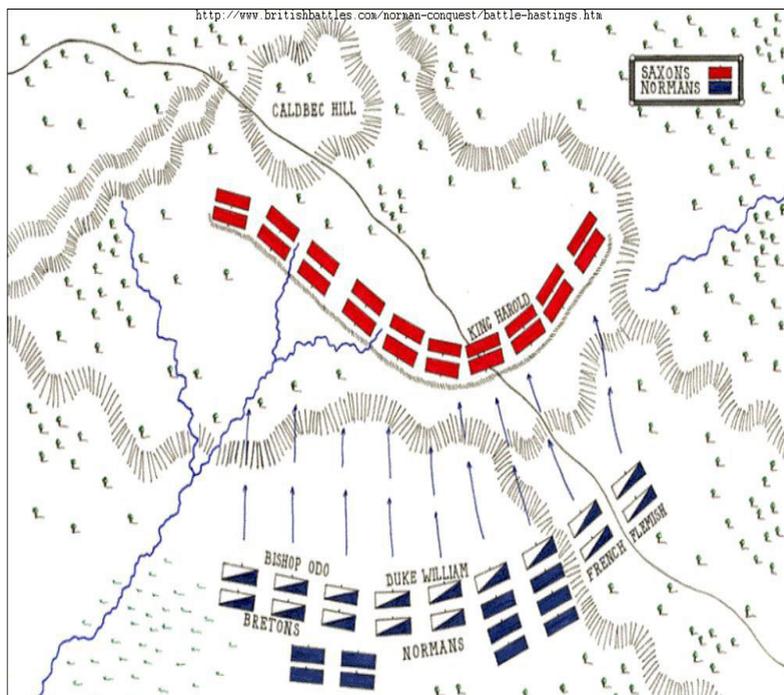


Figura 1. Fonte: <http://www.britishbattles.com/norman-conquest/battle-hastings.htm>

Da parte de Guilherme, as táticas empregadas são influenciadas pelo seu conhecimento das batalhas continentais. As tropas do duque foram dispostas da seguinte forma:

Na primeira fileira Guilherme colocou sua infantaria, armada com arcos e flechas. Na segunda fileira ele colocou mais infantaria, melhor armada e vestindo armaduras. Atrás deles vieram os esquadrões de cavalaria, com Guilherme em seu meio cercado pela elite de seus cavaleiros, de forma que ele poderia mandar suas ordens em todas as direções, por sinais de mão ou por gritos (POITIERS, 1973, p. 48, tradução nossa) ⁶.

A batalha se inicia aproximadamente às 9 horas da manhã, com uma saraivada de flechas normandas contra a infantaria anglo-saxônica. Esta, graças à parede de escudos e às suas armaduras, não sofre grandes baixas. A infantaria invasora é então ordenada a avançar para o combate corpo-a-corpo. Isso é custoso graças ao terreno inclinado e quando ela está a uma curta distância, os anglo-saxões arremessam lanças e outras armas da posição vantajosa que se encontram, causando baixas e desordem nas fileiras dos atacantes. Mesmo quando a infantaria normanda alcança os defensores, a parede de escudos mantém a vantagem destes (HEWITT, 2016, p. 228-229).

Essa situação leva Guilherme a enviar suas tropas montadas para o combate, procurando auxiliar os soldados a pé (POITIERS, 1973, p. 49). Sem nenhuma brecha para explorar, os cavaleiros têm que combater seus inimigos exatamente como estes querem: frente a frente, sem possibilidades de investidas pelos flancos ou por brechas na defesa, lutando contra uma subida. O embate é retratado como um evento incerto, de longa duração e de grande violência, comparativamente à maioria

⁶ No original: "In the first line William placed his infantry, armed with bows and arrows. In the second line he placed more infantry, better armed and wearing hauberks. Behind them came the squadrons of cavalry, with William in the middle surrounded by the élite of his knights, so that he could send his orders in all directions, by hand-signal and by shouting".

das batalhas do período, que duravam pouco mais de uma hora (DEVRIES, 2009, p. 27).

A batalha se torna tão intensa que os cavaleiros mercenários bretões, no flanco esquerdo do exército de Guilherme, começam a fugir depois de ouvir rumores de que o líder normando morreria. Segundo Guilherme de Poitiers,

A infantaria Normanda virou-se em fuga, aterrorizada por tal carnificina selvagem, e também o fizeram os cavaleiros da Bretanha e os outros auxiliares do flanco esquerdo. Quase toda a linha de batalha do Duque Guilherme retirou-se, um fato que pode ser admitido sem afronta aos Normandos, aquela raça inconquistável. Mesmo os exércitos da majestosa Roma, que ganharam tantas vitórias em terra e em mar, ocasionalmente retiravam-se em fuga, embora apoiadas por tropas reais, quando eles descobriam que seu líder havia sido morto, ou pensavam haver sido morto. Os Normandos imaginavam que seu duque havia caído. Sua fuga não era motivo de vergonha; pelo contrário devemos lamentá-la, pois eles pensavam que tinham perdido seu poderoso baluarte (POITIERS, 1973, p. 49, tradução nossa)⁷.

93

Essa brecha leva os anglo-saxões a quebrarem sua formação para persegui-los, porém, ao receber essa notícia, o rei normando se dirige ao flanco esquerdo para impedir a debandada das tropas. Ele reúne os cavaleiros em fuga, e os coordena em uma meia-volta para fazer uma rápida investida por entre as tropas inglesas. Sem a proteção da parede de escudos, os *thegn* que haviam seguido os soldados em fuga de Guilherme são derrotados. Entre os mortos estão os irmãos de Haroldo, os lordes

⁷ No original: "The Norman infantry turned in flight, terrified by this savage onslaught, and so did the knights from Brittany and the other auxiliaries on the left flank. Almost the whole battle-line of Duke Willian fell back, a fact which can be admitted without affront to the Normans, that unconquerable race. Even the armies of majestic Rome, which won so many victories on land and sea, occasionally turned in flight, although supported by royal troops, when they learned that their leader was killed, or thought that he was dead. The Normans imagined that their duke had fallen. Their flight was nothing to be ashamed of; instead we should grieve at it, for they thought that they had lost their strong bulwark".

Leofwyne Godwinson e Gyrth Godwinson, o que causa mais confusão do lado dos defensores ao perderem estes líderes. Com isso, Haroldo se vê obrigado a reformar suas linhas de frente, não apenas com *thegn*, mas com a infantaria pior equipada dos *fyrð* (GRAVETT, 1994, p.63).

Com o sucesso, Guilherme e seus conselheiros começam a empregar a tática da fuga fingida, que consiste em fazer o inimigo acreditar que se está fugindo para retirá-lo de sua posição, método já conhecido pelos normandos (VERBRUGGEN, 1997, p. 96). Pela grande extensão do terreno de batalha, ela é empregada mais duas vezes, criando mais brechas na defesa inimiga. Somando-se a isso, novas saravadas de flechas são arremessadas nas últimas horas do dia, sendo que uma delas chega até o rei anglo-saxão (GRAVETT, 1994, p. 77). Isso é demonstrado na *Tapeçaria de Bayeux* com Haroldo, ainda vivo, retirando a flecha de seu olho, para logo em seguida ser morto por um cavaleiro que lhe corta as pernas (Figura 2).

94

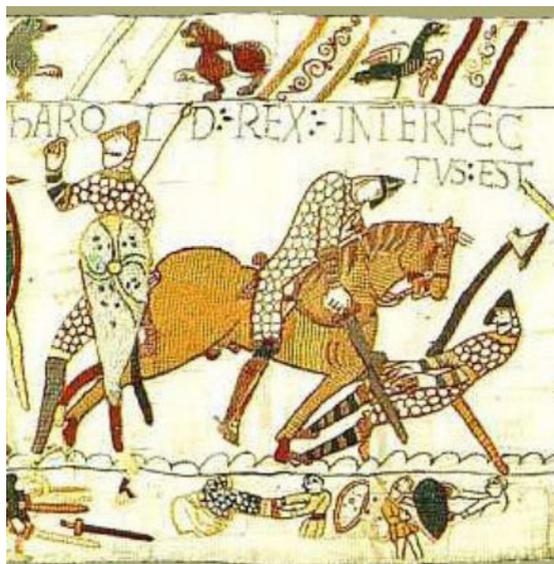


Figura 2. A morte de Haroldo. Fonte: The Bayeux Tapestry. Disponível em: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost11/Bayeux/bay_tama.html

Com a morte de Haroldo, as tropas inglesas batem em retirada, concedendo a vitória aos invasores. Os *thegn* lutam até a morte junto a seu rei, fazendo uma última defesa desesperada em Malfosse (Vala Maligna), enquanto os *fyrð* vencidos são perseguidos provavelmente até o pôr do sol, aproximadamente às 5h da tarde. Após oito horas de batalha sob um domingo de sol de outono, Guilherme surge como o detentor da vitória em campo de batalha (DEVRIES, 2009, p. 29).

Análise comparativa dos exércitos

Uma análise comparativa dos exércitos envolvidos no conflito exige, primeiramente, que saibamos o número de soldados que atuaram de cada lado. Todavia, as fontes não revelam o número exato de homens presente no campo de batalha. A *Tapeçaria de Bayeux* não se propõe a tal contagem em sua narrativa, enquanto que a *Crônica de Guilherme de Poitiers*, ao contrário, procura exaltar a participação dos normandos exagerando no possível número de soldados envolvidos. Diante disso, podemos tentar estimar a quantidade de combates por outras evidências, sendo uma delas uma análise topográfica do campo de batalha. Neste, a extensão é de aproximadamente mil metros de extensão por quinhentos metros de comprimento onde foi possível haver o posicionamento dos exércitos. Isso implica em duvidar da crônica de Guilherme de Poitiers quando descreve as forças inglesas:

Se algum historiador antigo tivesse descrito a linha de batalha de Haroldo, ele teria dito que os rios secavam em sua passagem e as árvores das florestas caíam ante seu avanço. Enormes forças de homens ingleses juntaram-se de todas as partes da terra, alguns por sua devoção a Haroldo, todos pelo amor de sua terra natal, a qual estavam determinados a defender desses invasores estrangeiros, apesar de erroneamente (POITIERS, 1973, p. 48, tradução nossa)⁸.

⁸ No original: "If some ancient historian had described Harold's battle-line, he

Da mesma forma, pelas palavras de Guilherme da Normandia, o cronista persiste na numeração com o intuito de impressionar: “Tivera eu apenas dez mil homens sob meu comando do mesmo temperamento que os sessenta mil os quais trouxe comigo, com a ajuda de Deus e minhas próprias corajosas tropas eu ainda assim não hesitaria em marchar para destruir ele [Haroldo] e seu exército” (POITIERS, 1973, p. 44, tradução nossa)⁹.

Havendo-se 60.000 soldados apenas do lado normando, ocupando metade do campo de batalha, isso implicaria numa ocupação total do campo de batalha de 0.48 soldado por metro quadrado, o que embora fisicamente possível, demandaria uma paz absoluta para que todos esses homens pudessem caber na razão de um soldado para cada dois metros, sem considerar a força anglo-saxônica defensora, supostamente em número muito superior. Para uma contagem mais próxima à realidade, podemos então descartar números tão impressionantes, que também implicariam em uma grande dificuldade logística, de alimentação, equipamento e transporte, para ambos os lados.

Existem, todavia, outros indícios para estimar essa quantidade, como os apresentados na crônica de Robert Wace, que escreveu um século após os eventos:

[...] ouvi meu pai dizer, e isto me lembro bem, embora fosse apenas um rapaz na época, que, quando eles [os Normandos] zarparam de Saint-Valery, contando os barcos, embarcações menores e esquifes carregando armas e armaduras, a poderosa frota possuía 696. Eu li, e se isso é verdadeiro ou não, não o sei dizer,

would have said rivers dried up at its passing and forest-trees came crashing down as it advanced. Enormous forces of Englishmen had come together from all parts of the country, some through their devotion to Harold, all because of their love for their fatherland, which they were determined to defend against these foreign invaders, however wrongly”.

⁹ No original: “If I had only ten thousand men under command of the same temper of the sixty thousand whom I have brought with me, with God to help me and my own brave troops I would still not hesitate to march out to destroy him and his army”.

que havia tantos quantos 3000 navios com suas selas e mastros (WAVE apud THORPE, 1973, p. 14, tradução nossa)¹⁰

Essa estimativa mais módica da frota invasora, de 696 navios, revela a presença de alguns milhares de homens no campo de batalha. Kelly DeVries, em *Batalhas Medievais 1000-1500* (2009, p. 21), apresenta uma estimativa entre 6.000 a 8.000 normandos. Já Christopher Gravett, em seu livro *Hastings 1066* (1994, p. 20), propõe uma quantidade de 7.500 soldados normandos, quantia que entra em concordância com essas considerações.

Tanto a *Tapeçaria de Bayeux* quanto a crônica de Guilherme de Poitiers apresentam a batalha como uma luta terrível e de resultado incerto, com uma total incerteza da vitória de quaisquer dos lados. Isso implicaria numa anulação mútua das forças, sem vantagem clara seja para os defensores quanto para os invasores, para o qual podemos estipular que a quantidade de combatentes para ambos os exércitos era similar - embora os defensores tenham a vantagem de estarem em território próprio e o utilizarem para sua defesa, mas essa vantagem pode ser diminuída pela falta de equipamento apropriado. O embate das duas forças é representado como uma carnificina mútua, sendo que a *Tapeçaria de Bayeux* o deixa claro ao mostrar corpos ocupando o rodapé da narrativa (Figura 3).

97

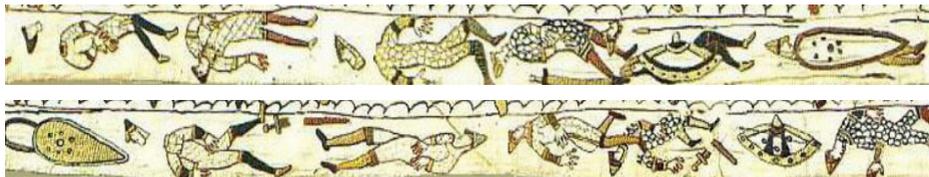


Figura 3. Os mortos. Fonte: The Bayeux Tapestry. Disponível em: <http://www.hs->

¹⁰ No original: “I heard my father say, and this I remember well, although I was only a lad at the time, that, when they set sail from Saint-Valery, counting boats, smaller vessels and skiffs carrying arms and armour, the fleet was 696 strong. I have read, and whether this is true or not I cannot say, that there were as many as 3000 vessels with their sails and masts”.

augzburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost11/Bayeux/bay_tama.html

Guilherme de Poitiers descreve um número superior de anglo-saxões, mas desconsiderando seu exagero, ainda é possível então arguir por alguma vantagem numérica para os defensores. DeVries (2009, p. 21) apresenta um número de defensores variando entre 6.000 a 7.000, o qual confrontado com o número variável de normandos anteriormente mencionados poderia abarcar as possibilidades de uma maioria pequena quer para um lado quer para o outro. Já para Gravett (1994, p. 20), um número de 8.000 guerreiros anglo-saxões acaba por se adequar às descrições das fontes e às possibilidades logísticas, demográficas e geográficas da ilha britânica do século XI.

A partir dessas estimativas, podemos compreender a composição das tropas. O exército anglo-saxão é formado, tanto na *Tapeçaria de Bayeux* como na crônica de Guilherme de Poitiers, exclusivamente por infantaria, com pouca menção à artilharia. Essas tropas são divididas em dois tipos: a infantaria pesada dos *thegn* (e dentro desta, os *thegn* do rei, os *housecarls*) e a infantaria leve dos *fyrd* (Figura 4), existindo uma maior quantidade destes últimos em relação aos primeiros. De fato, Gravett (1994, p. 20) estima a existência de 800 *thegn*, e a infantaria secundária restante com 7.200 *fyrd*, enquanto DeVries (2009, p. 21) propõe que existiam entre 1.000 *housecarl* e *thegn*, e 5.000 a 6.000 *fyrd* no exército defensor.



Figura 4. Os anglo-saxões: *fyrd* (à esquerda) e *thegn* (à direita). Fonte: The Bayeux Tapestry. Disponível em: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost11/Bayeux/bay_tama.html

O principal corpo de defesa dos reinos anglo-saxões consistia nos *fyrd*, cuja principal vantagem era sua quantidade. Os *fyrd* são homens livres, donos de fazendas pessoais e que devem cuidar de suas casas e colheitas pontilhadas no interior do reino. Seu chamado à batalha, o *ban*, consome recursos e tempo, o que acaba por limitar sua área de atuação e tempo de serviço (DOUGHERTY, 2010, p. 98-100). Seus armamentos demonstram seus poucos recursos, bem como o limitado tempo dedicado ao treinamento militar, o que torna sua efetividade em campo de batalha questionável (NICHOLSON, 2004, p. 40).

O segundo grupo de defesa no exército anglo-saxônico é composto pelos *thegn* e os *housecarl*. Senhores de terras ricos, podem adquirir um bom equipamento de batalha, incluso o cavalo para a locomoção até o campo de batalha – o estilo de luta montado ainda não havia sido adotado por estes guerreiros (DOUGHERTY, 2010, p. 102-103). Treinados desde a infância, sua capacidade de combate é superior à maioria dos *fyrd*, que possuem pouco tempo ocioso para a prática militar. Os *thegn*

mais próximos do rei, que desenvolveram um sentido de camaradagem e lealdade para com sua figura, se tornam seus *housecarl*, dispostos a lutar com ânimo elevado até a morte de seu suserano – e obrigados por honra a morrer com ele em campo de batalha.

Em oposição a essas tropas se encontram as forças de Guilherme, o Conquistador, composta de normandos e vários outros nobres e mercenários de outras regiões continentais, como franco-flamengos e bretões. Diferentemente do exército anglo-saxão, conta com dois fatores diferentes em sua composição: uma forte presença de arqueiros e cavaleiros, sendo os primeiros pouco presentes no exército anglo-saxão e os segundos in-existentes.

A infantaria normanda é composta por soldados profissionais, diferente dos *fyrð* e mais próxima dos *thegn* já referidos. Guilherme arregimentara vários mercenários em seu exército, uma profissão perigosa que favorecia apenas os mais destemidos se estes não tivessem um bom equipamento e um bom treinamento. Todavia, a presença da infantaria invasora no campo de batalha foi pouco observada pelas fontes, excetuando-se a sua falha em atacar a posição consolidada dos defensores. Seu treinamento poderia ser variado, porém as tropas de Guilherme passam boa parte do verão de 1066 em Dives, onde podem ter praticado para a batalha vindoura, diversamente de seus oponentes (NICHOLSON, 2004, p. 114).

Já a arquearia de Guilherme aparece de maneira proeminente, embora ainda secundária à cavalaria. Os arqueiros são uma força mesclada de profissionais mercenários e de caçadores livres arregimentados para a guerra, já que o uso do arco exige muito treinamento e uso contínuo (DOUGHERTY, 2010, p. 161). A artilharia normanda não teve de lidar com uma artilharia de longo alcance anglo-saxônica, razão pela qual estes homens mantiveram a coesão militar no campo de batalha e foram capazes de afetar, ao menos ao final da batalha, os seus inimigos. O exército de Guilherme, quando esperando pela in-

vasão, pôde descansar e treinar enquanto esperava pela fabricação dos barcos, o que implica mais tempo hábil de treinamento para estes soldados.

Análise comparativa dos equipamentos empregados na batalha

Isto posto, podemos analisar comparativamente os equipamentos que essas tropas utilizaram no campo de batalha. No exército anglo-saxão, os *fyrð* possuem uma arma, uma proteção corporal e uma proteção craniana como equipamento padrão para servir ao rei. Essas armas em geral são lanças de madeira com ponta de ferro, que podem ser manejadas com uma mão, de tamanho variável entre 1 metro e 1,5 metros, e peso leve de 2 quilos (FLORI, 2005, p. 74). Estas lanças podem ser arremessadas ou usadas como armas de estocada em combate corpo-a-corpo, embora tenham um alcance restrito quando usadas dessa última forma.

Alguns *fyrð* mais abastados possuem espadas longas de ferro, com corte duplo, de tamanho entre 65 e 95 centímetros, e peso de 1,5 quilos a 2 quilos (DEVRIES e SMITH, 2012, p. 22), armas que são usadas para combate corpo-a-corpo, cortantes e de curto alcance. Além disso, machados de dois tipos aparecem entre esses guerreiros: machados de uma mão que podem ser usados para o combate corpo-a-corpo ou arremessados, ferindo tanto através do corte quando da concussão, com tamanho variável entre 30 e 50 centímetros e peso de 1 a 1,5 quilo; e machados “dinamarqueses” de duas mãos, advindos da tradição viking, usados para ferir mesmo oponentes com armadura graças ao grande poder de corte e concussão. Estes últimos possuem tamanho variado de 1 metro a 1,20 metros e peso de 2 a 3 quilos. Seu alcance limitado e a inércia da potência do golpe o tornam uma arma lenta para ser reposicionada para um segundo ataque, o que faz com que um atacante que erre um golpe esteja aberto a um contra-ataque de uma arma mais veloz de

manejo, como as espadas e lanças (DOUGHERTY, 2010, p. 98).

A principal, por vezes única, proteção dos *fyrð* é o escudo, que pode ser criado em duas formas básicas: redondo, feito de madeira e com um raio de 40 centímetros (DEVRIES e SMITH, 2012, p. 59), com bordas e um centro metálico; e cometa ou pipa, de tamanho variável entre 1 metro e 1,3 metros, também de madeira e metal, cuja função é cobrir a maior parte do corpo (Figura 5). O escudo é um aparato de proteção maciço, capaz de deter os mais variados tipos de golpe, porém ele exige grande quantidade de esforço para seu manuseio, já que sendo composto de madeira e metal possuía um peso considerável, em especial para uma batalha que durou horas.



Figura 5. Os dois estilos de escudo. Fonte: The Bayeux Tapestry. Disponível em: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost11/Bayeux/bay_tama.html

O grupo composto pelos *thegn* e os *housecarl* possui algumas diferenças fundamentais em relação à infantaria leve dos *fyrð*. Em relação ao armamento utilizado pelos *thegn*, estes também possuem lanças, machados e espadas – em especial o machado de duas mãos “dinamarquês” parece haver sido favorecido por vários desses guerreiros (GRAVETT, 1994, p. 14-15; 31). Além disso, outra arma aparece nas mãos dos *thegn*: a maça, hastes

de madeira com cabeças rombudas, metálicas ou de madeira reforçada, com comprimento entre 30 e 45 centímetros e peso de 1,5 quilos a 2 quilos, capazes de serem arremessadas e de desferir golpes contundentes que podem atravessar armaduras flexíveis como a armadura de couro e a cota de malha metálica (DOUGHERTY, 2010, p. 44; 118).

O arremesso das armas foi especialmente mencionado por Guilherme de Poitiers, no momento da investida inicial dos normandos: “Os Ingleses resistiram [ao ataque] bravamente, cada qual a seu modo. Eles arremessaram suas azagaias e mísseis de todo o tipo, eles deram golpes selvagens com seus machados e com pedras presas a cabos de madeiras”¹¹ (POITIERS, 1973, p. 49).

Também foram utilizadas armaduras feitas de placas ou escamas de ferro costuradas ao couro, semelhantes em forma às escamas de peixes (GRAVETT, 1993, p. 8-9; 13). Essas armaduras cobrem desde o pescoço até as coxas, mas dependendo do modelo, podem alcançar até os joelhos, e ter mangas que cobrem os braços até os cotovelos. Essas cotas de malha são extremamente resistentes, capazes de proteger contra golpes cortantes e perfurantes, e juntamente com a proteção de couro interior, diminuir o impacto dos golpes concussivos (GRAVETT, 1993, p. 19).

A proteção craniana consiste em um capacete cônico de madeira ou metal forrado de couro e tecido, que cobre o topo da cabeça, muitas vezes complementado com uma proteção nasal que consiste em uma tira de metal reta, denominado *spanghelhelm* (DEVRIES e SMITH, 2012, p. 65). Braços e pernas são protegidos de maneira semelhante aos *fyrð*, consistindo normalmente de braçadeiras e caneleiras de tecido, fora as botas e roupas. Por fim, os escudos redondos ou cometa, utilizados na

11 No original: “The English resisted strongly, each in his own way. They hurled their javelins and missiles of all sorts, they dealt savage blows with their axes and with stones hafted on wooden handles”.

Batalha de Hastings para manter a posição do topo da colina, bem como aparar flechas e golpes do inimigo. (DOUGHERTY, 2010, p. 121-122).

Em oposição à infantaria anglo-saxônica, a infantaria de Guilherme é quase toda composta por infantaria pesada. As armaduras variam desde a proteção de couro até os *hauberk* feitos de anéis de metal, conforme a capacidade econômica do soldado. O escudo mais presentemente utilizado do lado normando é o cometa, pois o escudo redondo é um estilo já ultrapassado no continente, e o *spanghelhelm*, relativamente barato, é comum como proteção craniana. Estão armados com lanças, espadas, maças e machados de uma mão (GRAVETT, 1993, p. 16-24).

A artilharia normanda não possui proteção alguma, embora uma das figuras da *Tapeçaria de Bayeux* esteja utilizando uma armadura como as da infantaria e cavalaria, possivelmente um sargento (Figura 6).



Figura 6. Arqueiros normandos. Fonte: The Bayeux Tapestry. Disponível em: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost11/Bayeux/bay_tama.html

Seus arcos têm um tamanho variável entre 1,4 metros e 1,6 metros de comprimento quando não tensionados (NICHOLSON, 2004, p. 100). A puxada da corda é feita apenas até a altura do peito, conferindo ao arco um alcance entre 50 e 200 metros conforme o ângulo, o vento e a força do arqueiro. As condições usuais do campo de batalha medieval, todavia, estabeleciam que as flechas eram comumente utilizadas pelos comandantes no seu menor alcance, de 50 metros.

Com a exceção do arco e a aljava com as flechas, os arqueiros normalmente só possuem uma adaga como proteção corpo a corpo. As provisões de flechas desses homens são apenas a que eles podem carregar em sua aljava, entre 20 a 24 flechas (GRAVETT, 1994, p. 65). Essa quantidade de flechas é normalmente suficiente em conflitos rápidos, porém a Batalha de Hastings durou 9 horas (GRAVETT, 1993, p. 64; 80), o que fez com que as provisões dos arqueiros acabassem no meio do campo de batalha até a chegada de novas munições.

A característica mais marcante da cavalaria de Guilherme é o uso do cavalo em combate. A *Tapeçaria de Bayeux* é uma das primeiras fontes a demonstrar esse tipo de ataque, embora ele não tenha sido utilizado em grande escala. A arma principal é a lança, sendo a espada, machado ou maça desembainhada apenas no caso de quebra ou perda daquela. A lança pode ser utilizada tanto como arma de arremesso como uma arma perfurante, seja em um golpe de baixo para cima, seja em uma estocada rápida, seja como a investida com lança (Figura 7).



Figura 7. A investida dos normandos. Fonte: the Bayeux Tapestry. Disponível em: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost11/Bayeux/bay_tama.html

Na figura acima, a investida da cavalaria no começo da batalha mostra a variedade de técnicas que os cavaleiros empregavam no manejo da lança. Podemos notar as lanças levantadas acima do peito para serem arremessadas, ora seguradas abaixo do peito para serem cravadas no inimigo. No lado direito da imagem, o cavaleiro segura a lança debaixo do braço, uma das primeiras demonstrações da investida com lança. No canto direito superior, uma curiosa maçã foi arremessada pelos defensores.

Para a proteção dos cavaleiros, o escudo utilizado é o cometa, com a diferença de que, enquanto um soldado a pé utiliza o escudo de pé, com o propósito de cobrir a maior parte de seu corpo, os cavaleiros podem inclinar o escudo de forma que este proteja o corpo do cavalo. As armaduras de metal são comuns, e os cavaleiros mais ricos podem adquirir proteção para as pernas, denominada *chausses*, feitas do mesmo material que as armaduras de malha, e que cobrem desde a coxa até os pés. Em adição, os pescoços dos combatentes também podem ser protegidos por uma extensão de anéis que se prende ao capacete, chamada de *ventail*, cobrindo a nuca, o queixo e as orelhas.

Dessa forma, os equipamentos e armas empregados no campo de batalha pelos soldados de cada lado, demonstram a superioridade técnica dos invasores normandos, com o uso de forças mistas e de equipamento em geral superior às tropas defensoras.

Análise comparativa das estratégias e táticas

A análise comparativa das estratégias adotadas por Guilherme da Normandia e Haroldo Godwinson permite compreender o desfecho do conflito. Os invasores normandos procuram lutar em campo aberto visando um desfecho rápido da invasão, pois não possuem acesso a seus recursos e reforços da Normandia. Taticamente, o campo aberto também é favorável a Guilherme, pois este pode utilizar a cavalaria em toda sua força. Haroldo, movido rapidamente ao campo de batalha, procura também encerrar a guerra o mais rápido possível.

Apesar da luta desfavorável, Haroldo consegue grandes vantagens ao ocupar o topo da colina. Pela adoção de uma tática defensiva como a da parede de escudos, ele procura resistir o máximo de tempo possível ao ataque do rei normando, impedindo-o de saquear recursos das terras próximas, e resistindo durante o primeiro dia para conseguir mais reforços posteriormente. Além disso, a adoção de uma tática defensiva imóvel é razoável em sua situação, já que ele não possui um contingente de artilharia efetivo, não tem a capacidade de conter a artilharia nem a cavalaria de Guilherme. Por não ter cavalaria, também é incapaz de atacar diretamente a artilharia invasora ou de flanquear a infantaria e cavalaria inimigas sem expor seus guerreiros a uma saraivada de flechas.

Mantendo-se em posição defensiva, seus soldados inutilizam e diminuem a capacidade danosa da artilharia, defendendo-se das saraivadas atrás dos escudos apropriadamente posicionados, e então obrigando as tropas de curto alcance a se aproximar para um combate corpo-a-corpo (DOUGHER-

TY, 2010, p. 85-86). Isso ocorreria até o cansaço dos atacantes, quando então os defensores poderiam quebrar as linhas e persegui-los.

Esse estilo de luta passivo provavelmente foi difícil para os guerreiros anglo-saxões, acostumados a avançar contra o inimigo pela influência do combate viking (DEVRIES e SMITH, 2012, p. 16). Todavia, a parede de escudos se mostra muito efetiva, pois as saraivadas de flechas iniciais e o avanço da infantaria invasora são detidos, obrigando os normandos a um ataque frontal com todas as suas tropas, inclusive a cavalaria que não tinha brecha alguma para flanquear os inimigos.

Numericamente a vantagem pertence aos defensores, enquanto que, em termos de treinamento militar, esta era detida pelos normandos, melhor preparados. Todavia, com os flancos protegidos pela floresta e o terreno elevado, a defesa é ampliada o bastante para conter o avanço, especialmente após o arremesso dos projéteis, enquanto os 1.500 arqueiros estão inutilizados. Mesmo o cansaço da marcha inglesa até o local da batalha pode ser remediado pelo cansaço que as tropas de Guilherme sentem durante o dia pelo ato de se moverem colina acima.

A situação apenas se modifica quando a fuga dos bretões no flanco esquerdo é impedida, e estes são reordenados para uma rápida investida contra as forças anglo-saxônicas que haviam deixado suas posições defensivas para perseguir seus inimigos. Esse é o primeiro sucesso da cavalaria na batalha, já que Haroldo se vê obrigado a reformar as fileiras que haviam sido perdidas, bem como a lidar com a desmoralização das tropas e com a morte de seus irmãos, líderes em batalha. Fora essa grande perda de soldados, também se vê obrigado a usar os *fyrð* nas fileiras da frente, que não têm uma capacidade defensiva tão boa quanto os *thegn* que compunham a linha de frente (GRAVETT, 1994, p.63).

O fato dos ginetes poderem recuar, descansar e coordenar novos ataques foi outro importante aspecto em favor da cavalaria. Enquanto os *thegn* de Haroldo são obrigados a permane-

rem imóveis na defesa, incapazes de se revezarem com os *fyrd* e conseguirem algum descanso mais prolongado, os cavaleiros dividem seu esforço com suas montarias. Além disso, sua mobilidade permite cobrir o recuo da infantaria para um local seguro. Na medida em que os anglo-saxões ficam exaustos, maiores se tornam as chances dos normandos (POITIERS, 1973, p. 77).

A superioridade da cavalaria se torna evidente quando os arqueiros lançam uma nova leva de flechas, nas últimas horas do dia. Com todas as brechas que são feitas no decorrer da batalha, e a conseqüente diminuição das fileiras protetoras, Haroldo se encontra próximo do alcance dos arcos, sendo atingido por uma flecha (GRAVETT, 1994, p.77). Mesmo se a morte de Haroldo seja devida à flecha, o fato permanece que a cavalaria cria as condições para que o projétil chegue ao seu alvo, já que a arquearia não é nem um pouco efetiva nas primeiras horas do confronto.

Resumimos, na tabela abaixo, as vantagens que permitiram a Guilherme da Normandia obter a vitória sobre Haroldo Godwinson:

Tabela 1

Quadro comparativo técnico e tático-militar	
Normandos	Anglo-saxões
Forças em número inferior	Forças em número superior
Linhas de reforços cortadas	Acesso a médio prazo a reforços
Terreno desvantajoso	Terreno vantajoso
Tropas em geral melhor equipadas	Mais tropas com equipamento básico
Apoio da artilharia de longo alcance	Artilharia de alcance reduzido

Cavalaria de alta mobilidade	Infantaria estacionária
Uso de táticas avançadas	Uso de táticas simples
Adoção de guerra por atrito, investidas e retornos contínuos permitindo o descanso das tropas	Adoção de guerra por resistência, fortificação de um local para reforços posteriores, porém sem descanso

Conclusão

A análise comparativa técnico-militar das forças armadas envolvidas na Batalha de Hastings de 1066 permitiu observar tanto a superioridade técnica dos soldados normandos contra os soldados anglo-saxões, quanto o embate entre dois estilos de combate então em voga: o estilo continental das forças mistas contra o estilo germânico-viking da infantaria pesada. O local da batalha, configurado em um campo aberto cercado por florestas e com um aclave de colina no lado norte – então ocupado pelos defensores anglo-saxões – possibilitou o uso da cavalaria em larga escala. A maneira que os cavaleiros normandos enfrentaram a infantaria pesada, os *thegn* de Haroldo Godwinson, permitiu a vitória de Guilherme da Normandia.

A comparação dos exércitos em conflito revela que o uso dessa nova força armada, a cavalaria medieval do século XI, permitiu a vitória normanda. Graças à sua mobilidade, as brechas abertas pela infantaria e artilharia puderam ser aproveitadas para enfraquecer o exército defensor. Deveras, pela sua própria mobilidade pôde se criar lacunas por meio da tática da fuga fingida, ou seja, da retirada estratégica que atraiu os anglo-saxões para fora de suas paredes de escudos. Além disso, uma vez que os invasores adotaram uma batalha de atrito contra uma força imóvel, os cavaleiros não se cansaram ao se movimentar graças à sua montaria, bem como puderam se retirar do campo conforme a necessidade, ao contrário dos anglo-saxões que se viram obrigados a permanecer sob o sol e sem descanso

algum. Dada à longa duração da batalha, de aproximadamente nove horas, a fadiga pode ser considerada como fator determinante para a derrota dos anglo-saxões.

O uso da infantaria, artilharia e cavalaria no século XI permite observar a evolução militar durante a Idade Média, já que com a utilização de novas tecnologias e táticas de combate, o cavalo se torna instrumento fundamental para o controle do campo de batalha. Os anglo-saxões, influenciados pelo antigo estilo germânico-viking, sofrem um grande revés diante das novidades continentais: os normandos, embora descendentes de vikings, são vassallos dos francos, os quais compartilham de seu estilo de luta. Novidade assombrosa, da qual se abre uma nova era militar, de guerreiros de armadura e seus corcéis, moldando os conflitos na Europa Ocidental pelos séculos seguintes.

Referências Bibliográficas:

Fontes

111

AUGUSTANA, Bibliotheca. *Tapetum Bagianum*. Disponível em: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost11/Bayeux/bay_tama.html. Acesso em 11/04/2010.

POITIERS, William of (1973). The History of William, Duke of the Normans and King of the English. In: THORPE, Lewis. *The Bayeux Tapestry and the Norman invasion*. London: The Folio Society, p. 33-55.

Literatura

BRIGGS, Asa (1998). *História Social da Inglaterra*. Lisboa: Editorial Presença.

DEVRIES, Kelly et al. (2009). *Batalhas medievais 1000 – 1500: conflitos que marcaram uma época e mudaram a história do mundo*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda.

DEVRIES, Kelly e SMITH, Robert Douglas (2012). *Medieval military technology – 2nd Ed*. Toronto: University of Toronto Press.

- DOUGHERTY, Martin J. (2010). *Armas & técnicas bélicas de los caballeros medievales: 1000 - 1500*. Tradução: M^a José Antón. Madrid: Libsa.
- FLORI, Jean (2005). *A cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras.
- GRAVETT, Christopher (1994). *Hastings 1066: el fin de la Inglaterra Sajona*. Madrid: Ediciones del Prado.
- GRAVETT, Christopher (1993). *Norman knight: A. D. 950 - 1204*. Série Warrior, Volume I. London: Osprey Publishing Ltd.
- HEWITT, Christopher E. M. (2016). *The Battle of Hastings: A geographic perspective*. Electronic Thesis and Dissertation Repository. Paper 3628.
- KEEN, Maurice (2008). *La caballería*. Tradução de Elvira de Riquer e Isabel de Riquer. Barcelona: Ariel.
- NICHOLSON, Helen J. (2004). *Medieval warfare: theory and practice of war in Europe 300-1500*. Hampshire, Inglaterra: Palgrave Macmillan.
- THORPE, Lewis (1973). *The Bayeux Tapestry and the Norman invasion*. London: The Folio Society.
- VERBRUGGEN, J. F. (1997). *The art of warfare in Western Europe during the Middle Ages: From the Eighth Century to 1340*. Suffolk, Inglaterra: The Boydell Press.